

PREFÁCIO ¹

Émile Durkheim²

Tradutor: Rafael Faraco Benthien*

I. – O *Année Sociologique* não tem por objetivo único, nem mesmo por principal, apresentar um quadro anual do estado no qual se encontra a literatura *propriamente sociológica*. Assim delimitada, a tarefa seria restrita demais e de medíocre utilidade, pois os trabalhos deste gênero são ainda muito pouco numerosos para que um órgão bibliográfico especial seja necessário aos trabalhadores. Nós acreditamos, porém, que os sociólogos precisam urgentemente de informes regulares sobre as pesquisas feitas nas ciências especiais, história do direito, dos costumes, das religiões, estatística moral, ciências econômicas, etc., porque aí se encontram os materiais com os quais a sociologia deve ser construída. Responder a esta necessidade, tal é, antes de tudo, a finalidade da presente publicação.

Pareceu-nos que, no estado atual da ciência, este era o melhor meio de acelerar o seu progresso. Com efeito, os conhecimentos que um sociólogo deve possuir, se ele não quer se deixar levar por um vão exercício de dialética, são tão vastos e variados, os fatos são tão numerosos, dispersos em tantas esferas, que se tem grande dificuldade em os encontrar e arrisca-se sempre a omitir o que há neles de essencial. É então desejável que um trabalho preliminar os coloque mais à disposição dos interessados. Sem dúvida, à medida que a sociologia se especializar, será mais fácil a cada cientista adquirir a competência e a erudição necessárias para a ordem particular de problemas à qual ele se dedica. Mas é preciso que tal momento seja atingido. Há ainda muitos sociólogos que

¹ Publicado originalmente em **L'Année Sociologique** (Vol. 1). Paris : Felix Alcan, 1898, pp. i-vii.

² Émile Durkheim (1858-1917), *normalien*, foi professor na faculdade de letras de Bordeaux (1887) e Paris (1902). É considerado um dos fundadores da Sociologia, sendo mesmo o primeiro a ocupar uma cadeira desta ciência em uma instituição de ensino superior na França (na Bordeaux de 1896). Em 1898, funda com vários pesquisadores o periódico *L'Année Sociologique*, dirigindo-o até 1913, quando foi publicado o derradeiro número de sua primeira série (o periódico hoje existente com o mesmo nome provém da terceira série da revista, recriada em 1949 por ex-alunos dos primeiros fundadores).
Recebido em 04/2007. Aceito em 06/2007.

* Doutorando em História Social na FFLCH/USP e bolsista FAPESP. O tradutor agradece, em especial, a Maikon Augusto Delgado e a Eduardo Dimitrov, cujas críticas e sugestões muito contribuíram para esta versão.

dogmatizam diariamente sobre o direito, a moral e a religião com informações fortuitas, ou mesmo unicamente com as luzes da filosofia natural, sem parecer suspeitar que um número considerável de documentos vem sendo reunido sobre estas questões pelas escolas históricas e etnográficas da Alemanha e da Inglaterra. Trata-se então não de elaborar uma obra inútil, mas de realizar periodicamente um inventário de todos estes recursos, indicando, ao menos de forma sumária, qual proveito pode a sociologia tirar daí. Para além mesmo das perspectivas e das pesquisas que elas podem sugerir, as análises metódicas de obras especiais, mas que se completam umas às outras, não são propensas a fornecer, disto que é a realidade coletiva, uma impressão mais viva e mesmo uma noção mais justa do que as generalizações ordinárias dos tratados de filosofia social?_Nós esperamos conseguir interessar assim não somente aos sociólogos de profissão, mas a todos os leitores preocupados com tais problemas. Importa, com efeito, que o público se aperceba melhor da preparação necessária para abordar tais estudos, a fim de se tornar menos condescendente com construções fáceis e mais exigente no tocante a provas e a informações.

Mas nossa empresa pode ser útil ainda de uma outra maneira: ela pode servir para aproximar da sociologia certas ciências especiais que se mantêm, para o seu infortúnio e para o nosso, demasiado distantes.

É sobretudo na história que nós pensamos ao falar assim. São raros, mesmo hoje, os historiadores que se interessam pelas pesquisas dos sociólogos e sentem que elas lhes concernem. O caráter por demais geral de nossas teorias, sua documentação insuficiente faz com que elas sejam consideradas negligenciáveis. Reconhece-se nelas apenas uma importância filosófica. E, no entanto, a história só pode ser uma ciência na medida que explica, e não pode explicar senão comparando. Mesmo a simples descrição é impraticável de outra maneira: não se descreve bem um fato único ou do qual se possuem raros exemplos *porque ele não é bem observado*. Por tal razão, Fustel de Coulanges, a despeito de seu profundo conhecimento das coisas históricas, enganou-se sobre a natureza da *gens*, na qual ele viu apenas uma vasta família de agnatos, o que ocorreu porque ele ignorava casos etnográficos análogos a este tipo familiar. O verdadeiro caráter do *sacer* romano é bem difícil de ser percebido e sobretudo compreendido se não se aproxima dele o *tabu* polinésio. Os exemplos que nós poderíamos fornecer são inumeráveis. É pois servir à causa da história ajudar o historiador a superar seu ponto de vista ordinário, a estender seu olhar para além do país e do período que ele se propõe mais especialmente a estudar, bem como a se preocupar com questões gerais que originam os fatos particulares por ele observados. Ora, se a história compara, ela se torna indistinta da sociologia. Por outro lado, a sociologia não somente

não pode se privar da história, como ela tem mesmo necessidade de historiadores que sejam ao mesmo tempo sociólogos. Enquanto ela tiver de se introduzir como uma estrangeira no domínio histórico para aí apreender, em alguma medida, os fatos que a interessam, ela poderá fazer aí apenas incursões bastante rasas. Desorientada em um meio ao qual ela não está acostumada, é quase inevitável que não perceba ou perceba apenas de uma perspectiva bastante turbulenta as coisas que teria o máximo interesse em observar bem. Só, o historiador está muito familiarizado com a história para poder dela se servir com segurança. Assim sendo, longe de serem antagônicas, estas duas disciplinas tendem naturalmente uma à outra, e tudo aponta para que elas sejam chamadas a se confundirem em uma disciplina comum, onde os elementos de uma e de outra se encontrem combinados e unificados. Parece igualmente impossível que um, cuja incumbência é descobrir os fatos, ignore em quais comparações eles devam entrar, e que outro, cujo trabalho consiste em compara-los, ignore como eles foram descobertos. Estimular os historiadores a verem os fatos históricos de uma perspectiva sociológica ou, o que dá no mesmo, os sociólogos a possuírem toda a técnica da história, eis aí o objetivo a ser perseguido pelas duas partes. Sob esta condição, as fórmulas explicativas da ciência poderão progressivamente dar conta de toda a complexidade dos fatos sociais, ao invés de reproduzir a seu respeito apenas os contornos mais gerais. Além disto, ao mesmo tempo, a erudição histórica ganhará um sentido, pois ela será empregada para resolver os mais graves problemas que a humanidade se coloca. Fustel de Coulanges amava repetir que a verdadeira sociologia é a história; nada mais incontestado, contanto que a história seja feita sociologicamente.

Ora, o único meio ao alcance dos sociólogos para preparar este resultado não seria ir espontaneamente à história, entrar em contato com ela, mostrar a ela qual partido pode ser tirado dos materiais que ela acumula, penetrar em seu espírito e deixar ela penetrar nos seus? É isto que procuramos realizar nas análises que se encontrarão mais adiante. Quando se observar que a sociologia não implica de nenhuma maneira o interior dos fatos, que ela não recua mesmo diante do detalhe, mas que os fatos só possuem inteligibilidade quando estiverem agrupados em tipos e leis, sentir-se-á melhor, sem dúvida, a possibilidade e a necessidade de uma concepção nova na qual o sentido da realidade histórica, no que ela tem de mais concreta, não excluirá a pesquisa metódica das similitudes, condição de toda ciência. Se o *Année Sociologique* puder contribuir, o pouco que seja,

para orientar alguns bons espíritos nesta direção, nós não iremos lamentar nosso esforço³.

II. – Nosso objetivo assim definido, os quadros de nossa publicação se encontram, por isto mesmo, determinados.

Se nossa principal finalidade é reunir os materiais necessários à ciência, pareceu-nos porém que seria bom mostrar por meio de alguns exemplos como este material poderia ser trabalhado. Nós então reservamos a primeira parte do *Année à Mémoires originaux* (*Memórias originais*). Nós não exigimos que os trabalhos publicados sob esta rubrica estejam em conformidade com uma determinada fórmula; é suficiente para nós que eles tenham um objetivo definido e sejam feitos com método. Impondo-nos esta dupla condição, não pretendemos de forma alguma excluir a sociologia geral; como se poderá constatar mais adiante. Trata-se de um ramo da sociologia não menos útil que outros, e, se ele se presta mais facilmente ao abuso das generalizações e da fantasia, não é por uma necessidade de sua natureza. Ainda assim, nós confessamos que nossos esforços tenderão sobretudo a provocar estudos que tratem de assuntos mais restritos e digam respeito a ramos especializados da sociologia. Isto porque, como a sociologia geral pode ser apenas uma síntese de tais ciências particulares, podendo somente se consistir numa comparação de seus resultados os mais gerais, ela é possível apenas na medida que eles mesmos estejam avançados. É pois à sua composição que, antes de tudo, é preciso se aplicar.

A segunda parte da obra, e a mais considerável, é consagrada às análises e notícias bibliográficas. Mas como o domínio da sociologia é ainda bem mal definido, nós devemos, de início, delimitar o círculo de trabalhos com os quais o *Année Sociologique* pretende se ocupar, a fim de prevenir as escolhas e as exclusões arbitrárias. Por um lado, tudo o que é histórico é sociológico. Por outro lado, as especulações da filosofia sobre a moral, o direito e a religião podem não ser desprovidas de interesse para o sociólogo. É então necessário demarcarmos um duplo limite.

Do lado da filosofia, ele é fácil de determinar. Todas as doutrinas que dizem respeito aos costumes, ao direito e às crenças religiosas nos dizem respeito, contanto que admitam o postulado base de toda sociologia, a existência de leis que a reflexão, metodologicamente empregada, permite descobrir. Com isto, nós não queremos dizer que é preciso negar toda a contingência para ser sociólogo; a sociologia, como as outras ciências

³ Tudo o que precede poderia ser aplicado à estatística, seja econômica, seja moral, a qual, ela também, apenas é instrutiva na condição de ser comparada. Se nós falamos mais especialmente da história é porque, no atual estado das coisas, ela é a fonte principal da investigação sociológica e, além disto, resiste mais particularmente ao emprego do método comparativo.

positivas, não precisa se colocar tal problema metafísico. Ela supõe somente que os fenômenos sociais estejam ligados segundo relações inteligíveis e acessíveis à investigação científica. Em decorrência disto, ela não tem porque dar conta de sistemas que partem da hipótese contrária. Passou o tempo em que poderia ser útil os refutar; mesmo estando nossa ciência tão pouco avançada, ela produziu resultados suficientes para não ter mais de justificar perpetuamente os direitos de sua existência.

Do lado da história, a linha de demarcação é mais fluida. Ela só pode mesmo ser fixada provisoriamente e deve, segundo toda verossimilhança, se deslocar à medida que a ciência mesma avançar. Não obstante, ao menos uma regra deve ser fixada. Os únicos fatos que serão aqui retidos são aqueles que parecem suscetíveis de ser, num futuro suficientemente próximo, incorporados pela ciência, ou seja, que possam servir a comparações. Este princípio é suficiente para eliminar os trabalhos nos quais o papel de individualidades históricas (legisladores, homens de estado, generais, profetas, inovadores de toda ordem, etc.) seja o objeto principal ou exclusivo da pesquisa. Nós diremos isto das obras que se ocupam unicamente em recompor, na sua ordem cronológica, a seqüência de acontecimentos particulares, de manifestações superficiais que constituem a história aparente de um determinado povo (seqüência de dinastias, guerras, negociações e histórias parlamentares). Em uma palavra, tudo o que é biografia, *seja de indivíduos, seja de coletividades*, é, atualmente, inútil para o sociólogo. É assim, aliás, que o biólogo não dá muita atenção à história exterior das peripécias pelas quais passa, no curso de sua existência, cada organismo individual. Sem dúvida, ninguém pode dizer que estas diversas particularidades sejam para sempre resistentes à ciência; mas o tempo no qual será talvez possível uma explicação, mesmo parcial, está tão longe que é perder tempo se dedicar a isto. Em definitivo, o que se chama de fato científico é tão simplesmente um fato maduro para a ciência. Ora, as condições desta maturidade variam naturalmente de acordo com o grau de desenvolvimento da ciência. Isto faz com que, num determinado momento, todos os fatos não tenham este caráter; e é por isto que o cientista é obrigado a escolher e abstrair aqueles que lhe parecem úteis para observação.

O conteúdo de nossas análises assim delimitado, devemos elaborar um método crítico relacionado ao objetivo por nós perseguido. Nós não podemos nos ater à concepção corrente que faz do crítico uma espécie de juiz apto a elaborar pareceres e classificar os talentos. Somente a posteridade é competente para proceder a estas classificações que, aliás, são inúteis à ciência. Nosso papel será o de extrair o resíduo objetivo das obras que nós estudamos, ou seja, os fatos sugestivos, as vias fecundas, que sejam interessantes por seu valor intrínseco, ou pelas discussões que elas

incitam. O crítico deve se fazer o colaborador de seu autor, seu legítimo colaborador; pois a mínima parte aproveitável de um livro é ainda assim uma aquisição para a ciência. Esta incumbência da colaboração se tornou ainda mais importante e mais necessária, no que nos concerne, pelo caráter das obras das quais nós temos de falar. Como muitas dentre elas não são explicitamente sociológicas, nós não poderíamos nos contentar em inventariar seus conteúdos, em deixar no estado bruto, por assim dizer, os materiais que elas contêm; mas teríamos de as submeter, tanto quanto possível, a uma primeira elaboração, a qual indicasse ao leitor quais ensinamentos se depreendem daí para o sociólogo. Afim de que as indicações sejam mais sensíveis, todas as análises de obras que se reportam a uma mesma questão foram agrupadas de maneira a se completarem e esclarecerem mutuamente. Tais aproximações constituem já, por si sós, comparações potencialmente úteis.

Este é nosso programa. Para o executar, um certo número de trabalhadores reuniu seus esforços após terem acordado os princípios que acabaram de ser expostos. E talvez não seja um fato sem importância este entendimento espontâneo em função de um empreendimento comum. Até o presente, a sociologia com freqüência permaneceu obra eminentemente pessoal. As doutrinas estavam intimamente ligadas à individualidade dos cientistas e não poderiam ser daí depreendidas. A ciência, no entanto, porque objetiva, é algo essencialmente impessoal e pode apenas progredir por meio do trabalho coletivo. Por esta única razão, e independente dos resultados úteis que ela pode ter, nossa tentativa merece, acreditamos, ser acolhida com interesse por todos os que têm a vontade de ver a sociologia sair da fase filosófica e assumir enfim seu papel entre as ciências⁴.

⁴ Algumas palavras de explicação sobre o período ao qual se reportam os trabalhos analisados. Em princípio, nós fomos do primeiro de julho de um ano ao primeiro de julho do ano seguinte. Nós escolhemos esta combinação porque, por razões de ordem interior, ela facilita o trabalho de redação e nos permite aparecer regularmente no começo de cada ano. Nós nos reservamos, aliás, a possibilidade de ir um pouco para trás, se há espaço, para reparar as omissões involuntárias que podemos cometer. Nos parece, com efeito, que, como nosso objetivo não é apresentar periodicamente o painel de uma ciência feita, mas reunir os materiais necessários para fazer esta ciência, o respeito supersticioso do milésimo é sem razão de ser. O essencial é ser o mais completo possível e fazer conhecer, que seja um ano atrasado, tudo o que merece ser conhecido. Acabou acontecendo-nos desta vez, em três ou quatro casos, de remontar até 1895. Mas estas são algumas exceções que podem se aplicar a um primeiro ano, mais não irão mais, nós esperamos, renovar-se no futuro.

Nós, aliás, rogamos ao leitor que considere este primeiro ensaio como uma indicação do que gostaríamos de fazer. Se ele se desse conta das dificuldades presentes em um tal empreendimento, não deixaria de nos desculpar alguns inevitáveis titubeios.

Nota do tradutor:

A publicação de uma tradução para o português do *Prefácio* ao primeiro volume do periódico *L'Année Sociologique* tem muito a oferecer a uma história social das Ciências Sociais. Tendo sido escrito por Émile Durkheim em 1897, em meio a intensas reformas na Universidade francesa, este texto traz consigo as marcas de uma ruptura. Ainda assim, não se deve procurar nele as fórmulas teóricas que tanto agradam aos manuais acadêmicos, tampouco uma autopromoção vazia de conteúdo. O que se vê aí é a apresentação dos esforços de um grupo de jovens pesquisadores empenhado em nomear e construir uma nova ciência. Neste sentido, trata-se de um texto fundador.

No *Prefácio*, Durkheim anuncia a intenção de não mais apenas alimentar os debates sobre o que é (ou deveria ser) a sociologia, mas de realizar uma análise sociológica dos debates. Para tanto, observa a existência de tantas escolas sociológicas quanto autores, e verifica que todas se sustentam na crença em suas validades. Não existiriam, portanto, mecanismos identificáveis de controle da proliferação dessas crenças e, pior, nenhuma arena pública a partir do qual se possa comparar os pressupostos e as conclusões de cada uma delas.

O propósito anunciado para a criação de *L'Année Sociologique* é precisamente este: ser um espaço público visando a construção das Ciências Sociais. Não por acaso, notícias e análises bibliográficas ocupavam a maior parte da publicação. Afinal, era preciso não só divulgar, mas também discutir a produção intelectual de então, seja ela oriunda da Europa ou das Américas. No mais, além das análises, havia espaço para artigos originais, um meio de colocar em prática e à prova o ofício de sociólogo. Disso surgiu uma empresa editorial em doze volumes, atuante de 1898 a 1913.

Mas uma questão se impõe neste ponto: em se tratando de um periódico sociológico, qual o critério de seleção dos temas e da bibliografia? A resposta fornecida no *Prefácio* nada tem de simples e evidente. Durkheim, em verdade, assinala aí para uma infinidade de disciplinas interessantes, dentre os quais aparecem os trabalhos históricos, a estatística moral, as ciências econômicas, os tratados filosóficos (sobre direito, religião e moral), entre outras. Para entender tamanha profusão de temas deve-se atentar para uma idéia central ao Durkheim de então: a idéia de que a sociologia seria basicamente uma ciência da fé. Com efeito, entender a crença, o sentido compartilhado por indivíduos, permitiu ao sociólogo englobar as demais Ciências Sociais e, ao mesmo tempo, dissolver quaisquer ontologias alimentadas por elas. A comparação, único método defendido no *Prefácio*, é o que ordena este englobamento, mas também o que permite entender os homens não em si mesmos, mas nas

relações com seus semelhantes. Deste modo, Durkheim nos lembra que observar a fé dos homens, os diferentes sentidos atribuídos às suas vidas, é também disseminar a fé nos homens, em sua capacidade de entender os (e conviver com) seus semelhantes. Eis aí um bom motivo para celebrarmos ainda hoje a produção encerrada em *L'Année Sociologique*.